

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SHAIANI ARAGÃO VALLE

TRANSEXUALIDADE E AS FERIDAS DA HETERONORMATIVIDADE



ITAJAÍ -SC
2016

SHAIANI ARAGÃO VALLE

TRANSEXUALIDADE E AS FERIDAS DA HETERONORMATIVIDADE

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Tainá Ribas de Mélo

ITAJAÍ – SC
2016

TRANSEXUALIDADE E AS FERIDAS DA HETERONORMATIVIDADE

Shaiani Aragão Valle¹
Tainá Ribas Mélo²

Resumo

O presente artigo tem por escopo problematizar a hegemonia da heteronormatividade como paradigma social, pela voz de transexuais. Pretende-se contextualizar sexualidade e conceituar transexualidade, traçando um comparativo com conceitos pré-estabelecidos teoricamente e os conceitos elaborados por indivíduos trans, assinalando as possíveis dificuldades enfrentadas por transexuais nos espaços sociais e educacionais, a partir de seus relatos. A presente pesquisa está estruturada metodologicamente nas teorias pós-críticas, utilizando-se da metodologia *queer*, ancorada em conceitos de autores como Michel Foucault e Judith Butler, com o intuito de compreender o conceito de gênero como marca reguladora de corpos e ações dos sujeitos. A análise dos dados assinala o alto grau de sofrimento de transexuais. Mostra também que a transexualidade é uma questão que requer políticas e ações afirmativas específicas. Assim, a instituição escola necessita com urgência analisar seu papel frente à problemática apresentada pelos dados desta pesquisa.

Palavras-chave: transexualidade; sexualidade; heteronormatividade

Abstract

This paper's scope is to problematize the hegemony of heteronormativity as a social paradigm, given by the transgender's voice. In this sense, it tries to contextualize sexuality and transgender, comparing the theoretical pre-established concepts and the transgender individuals opinions, as well as showing their difficulties in the social and educational environments. The research is methodological structured by post-critic theories, using the queer methodology, on which the paper is based, supported by authors such as Michel Foucault and Judith Butler, aiming to comprehend the gender concept as a way to differentiate people and their actions. The data analysis shows a high degree of transsexual people who are suffering. It also shows that the transsexual subject is a public issue, which requires specific actions. In the same scope, schools need to analyse their position according to the data showed in this paper.

Key- Words: transsexuality; sexuality; heteronormativity

¹ Acadêmica do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal do Paraná – UFPR; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – FURB – SC. (shaivalle@gmail.com)

² Fisioterapeuta da Prefeitura Municipal de Paranaguá; Doutoranda em Atividade Física e Saúde pela UFPR; Docente e tutora do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola/UFPR. (ribasmelo@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

Os discursos sobre sexualidade estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, contudo, não é um dispositivo recente, tampouco inovador. Permeia as práticas sociais de diversas formas, pela vestimenta, pelos tratamentos interpessoais, por meio de um discurso velado, traduzindo proibições e tabus, revestidos de relações de poder intrínsecas, disseminando “verdades” que ao longo do tempo foram sendo expostas e produzindo desconstruções de padrões já disseminados.

Conforme Foucault, a sexualidade desenvolve-se na história, em meio a um jogo de estratégias e manobras, ou seja, jogos de verdade, na imanência de complexas relações de poder (FOUCAULT, 2012). Pois, para o autor, o poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente. Não deve ser visto como um processo global e centralizado de dominação que se exerceria em diversos setores da vida social, mas sim, que funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos que atravessam toda a sociedade e do qual nada nem ninguém escapa (MACHADO, 1979).

A ideia dos dispositivos de controle é um dos elementos centrais da obra de Foucault. Seus estudos voltados para a passagem da soberania ao biopoder (o poder sobre a vida) e a consolidação das sociedades disciplinares revelam numerosos assujeitamentos (submissão dos sujeitos às normas).

Com fundamento nos estudos de sexualidade, e especialmente nas relações de poder acerca da disciplina do corpo, verifica-se o quanto a heteronormatividade é praticada socialmente como um padrão de sexualidade que regula o modo como a sociedade ocidental está organizada (BUTLER, 2002).

A heterossexualidade é a norma, a norma que estabelece o heterossexual como padrão, neste contexto, todos os sujeitos que não se enquadram nos padrões heteronormativos enraizados socialmente, acabam segregados, como por exemplo, os transexuais, que são objeto de estudo desta pesquisa.

Transexuais, são as pessoas que ao nascer são identificadas biologicamente com um gênero, contudo se identificam e se enquadram no gênero oposto. Ou seja, o sujeito nasce e é identificado com o sexo masculino, porém se identifica com o sexo feminino. Independente de realizar cirurgia para efetuar a mudança de sexo. A

identificação com o sexo oposto ao qual foi identificado é o suficiente para caracterizar a transexualidade.

Os objetivos propostos na pesquisa são: conceituar transexualidade; problematizar a hegemonia da heteronormatividade à luz das questões colocadas pela transexualidade; e por fim, discutir as possíveis dificuldades enfrentadas por transexuais a partir dos seus relatos.

METODOLOGIA

A pesquisa parte de uma abordagem foucaultiana, estruturando-se sob a perspectiva metodológica das teorias pós-críticas. Esta perspectiva teórica não está centrada na busca por respostas ou resoluções para o que as coisas de fato são, e se preocupa mais em compreender e problematizar processos por meio dos quais significados e saberes específicos são produzidos, no contexto de determinadas redes de poder, com certas consequências para determinados indivíduos e/ou grupos (MEYER, 2014).

As abordagens teóricas pós-críticas tais como, pós-estruturalismo, estudos culturais, estudos de gênero, estudos étnicos e raciais, estudos *queer*, entre outras, tencionaram o campo das teorizações educacionais através da problematização de conceitos como: sujeito, linguagem, verdade e poder, dentre outros, problematizando assim, as formas pelas quais entendemos, organizamos e vivemos o que chamamos de realidade.

Dentre as metodologias utilizadas em pesquisas pós-críticas, destaca-se metodologia *queer*, no qual a presente pesquisa se fundamenta. Utilizando-se conceitos de autores como Michel Foucault e Judith Butler, precursores nos estudos relacionados à teoria *queer*.

De acordo com Louro (2004, p. 38) “*queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, entretanto, para Miskolci, a intenção é conferir um novo significado ao termo, passando a entender *queer* como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.

A metodologia *queer* tem sido discutida e apresentada como aquela que subverte rígidos padrões relacionados à elaboração de pesquisas científicas, sendo entendida por muitos teóricos como um modo de fazer pesquisa que assume por

vezes uma postura questionadora do que é aceito e válido como método e procedimento científico, sendo que os modos *queer* de fazer pesquisa passaram a ser pensados e discutidos por acadêmicos que se utilizavam desses estudos como base teórica de suas pesquisas (PARAÍSO, 2012).

No que se refere ao surgimento da metodologia supramencionada, Miskolci (2009, p. 152), assevera que:

Teórica e metodologicamente, os estudos *queer* surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação.

Vale destacar que os estudos *queer* surgiram nos anos de 1980 alinhados às lutas sociais dos movimentos gays e lésbicos, os quais contestavam a fixação das identidades sexuais e de gênero, e, ainda, os discursos pautados na heteronormatividade como regulatórios das relações entre homens e mulheres.

Miskolci (2007) certifica que pesquisas realizadas a partir da perspectiva *queer*, utilizam-se de procedimentos que visam desconstruir os objetos de análise e desnaturalizar concepções fixas sobre corpos e sujeitos.

Para elaborar a pesquisa, foram realizados questionários com duas questões abertas sobre transexualidade. O primeiro questionamento solicita o conceito pessoal de transexualidade e o segundo questiona quais as maiores dificuldades que um transexual encontra na sociedade.

Por escolha da pesquisadora, e para evitar constrangimentos ao abordar os sujeitos, não foram escolhidas nenhuma instituição ou estabelecimento específico para selecionar os participantes da pesquisa, e sim, sujeitos que demonstraram interesse em responder os questionamentos, sendo localizados por meio de redes sociais.

Ao todo foram enviados 14 questionários e todos os sujeitos se comprometeram a responder e entregar. Entretanto, destes, somente 10 retornaram. Sendo que, dos questionários que retornaram, apenas um deles realizou a transição do sexo feminino para o sexo masculino.

Com profissões variadas e faixa etária entre 19 e 27 anos, os sujeitos são de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul, todos brasileiros.

Observou-se que todos os sujeitos possuem perfis em redes sociais e grande parte, atuam com militância no intuito de buscar espaços em que possam expressar seus ideais, evidenciar a visibilidade trans, divulgando informações a respeito de transexuais e lutando por seus direitos.

Para manter a privacidade dos sujeitos e melhor compreensão dos relatos, doravante, serão identificados como S1 (sujeito 01), S2 (sujeito 02) e assim sucessivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1953 o médico alemão Harry Benjamin descreveu a transexualidade como “a plena convicção por parte de um indivíduo de determinado sexo de pertencer ao sexo oposto, e o comportamento visando realizar essa convicção” (BENJAMIN, 1999, p. 10).

Verifica-se que mesmo após tantas décadas, o conceito não sofreu alterações significativas, pois, os sujeitos desta pesquisa responderam de maneira semelhante ao conceito elucidado pelo médico.

“Transexual trata-se de uma pessoa que nasce com um determinado sexo, porém, se identifica com outro”, assegura S4. De maneira simplificada o S3 afirma que *“Transexualidade é a não identificação com o gênero apontado no nascimento”*.

Em outras palavras o S8 ratifica que *“Transexualidade é nascer no corpo errado, ter a mente, os pensamentos, o jeito de ser, do sexo oposto do corpo. O corpo é só o corpo, o que vale a maneira de pensar [...]”,* afirmando ainda que somente o corpo não é o suficiente para identificar o indivíduo.

O S6 vai além do que foi perguntado, sustentando que o gênero difere da orientação sexual: *“Transexualidade é quando você não se sente bem com seu gênero diante da sociedade. Diferente de sexualidade, que é por quem você se atrai. O transexual adequa sua vida para ser visto como realmente é e como realmente se vê”*.

Cabe ressaltar que, o transexual não necessita realizar nenhum procedimento cirúrgico, realizar tratamentos estéticos ou hormonais para ser considerado um transexual. É suficiente que o indivíduo se identifique com o gênero oposto ao qual foi designado ao nascer. Diferente do sexo biológico pelo qual foi identificado.

Relevante salientar que a identificação de gênero não deve ser confundida com orientação sexual, podendo ser heterossexual (sente atração pelo sexo oposto), homossexual (sente atração por indivíduos do mesmo sexo), ou bissexual (sente atração por ambos os sexos).

Merece atenção também a conceituação do S9, ao afirmar que:

“É quando a pessoa nasce com o sexo oposto ao qual ela se identifica. E com a ajuda dos hormônios vai transformando seu corpo até conseguir chegar ao gênero ao qual ela se identifica. Daí surge a transexualidade, a mudança de sexo - a mudança da qual a pessoa se sujeita para transformar o sexo nascido biologicamente. É nascer no corpo errado. É uma mulher presa num corpo de homem ou vice-versa. A transexualidade é tentar aperfeiçoar seu corpo com a sua alma e juntar para poder trazer a paz de espírito.”

A compreensão de S9 desloca um pouco, talvez até de forma problemática a conceituação de transexualidade e denota até mesmo ausência de informação, visto que, diversas alterações, modificações podem ser realizadas no corpo do indivíduo, como tratamentos hormonais, estéticos, cirúrgicos para identificar-se com outro gênero. Entretanto, eles não são condição para definir um transexual. Se for considerar desta forma, a definição excluiria todos os indivíduos que por medo, dúvida, falta de recursos financeiros ou técnicos ou até mesmo por convicção pessoal, não efetuem alteração no seu corpo. Embora os procedimentos mencionados por S9 sejam comumente utilizados, não são a causa nem propriamente o parâmetro para definir a transexualidade.

A socióloga Berenice Bento que realizou pesquisas sobre o dispositivo da sexualidade (conceito de Michel Foucault), defende que a transexualidade não tem absolutamente nada a ver com a sexualidade. Com fundamento em suas pesquisas, ratifica que algumas pessoas transexuais querem fazer a cirurgia, outras não querem. Mas existe uma questão central que unifica o discurso das pessoas transexuais: a luta pelo reconhecimento e pela mudança dos documentos. Muitas pessoas dizem que a genitália não é o problema, o problema é quando não possuem os documentos que a reconheçam (BENTO, 2010).

De acordo com a autora, discutir transexualidade nos remete a discutir identidade de gênero deslocada da biologia porque são pessoas que têm todas as genitálias normais, toda a estrutura biológica, cromossomos absolutamente normais

e, no entanto, não se reconhecem no corpo. E, nesse sentido, a genitália é apenas uma das partes do corpo.

Com exceção de S9, que incluiu as mudanças do corpo à definição de transexualidade, expressando com suas palavras conceituação de transexualidade, pensam-na como uma inadequação entre o modo como se sentem e o modo como são reconhecidos pelos outros na aparência de seu corpo, no que tange a seu sexo. Esta definição se mantém ainda próxima da definição à fornecida por Harry Benjamim, no século passado.

No que tange ao segundo questionamento, sobre as dificuldades encontradas por um transexual na sociedade, verifica-se que há questões semelhantes vividas por eles, segundo seus relatos.

S3 assinala que esses fatores dependem da realidade social de cada transexual, porém, acredita que entre as maiores dificuldades estão:

[...] a aceitação da família, a condição financeira, a educação, e muitas outras coisas podem ser fatores que contribuem e muito para as dificuldades ou não dificuldades de uma criança, adolescente, adulta transexual. Mas, na escola, no trabalho e na universidade é, acima de tudo, principalmente os relacionamentos interpessoais.

O S1 apresenta ainda mais entraves para um transexual, afirmando que existem diversas outras dificuldades:

[...] a exclusão social; a dificuldade em conseguir um tratamento adequado e gratuito para se fazer a transição; a dificuldade financeira que a pessoa transexual encontra, pois é rejeitada do mercado de trabalho e muitas vezes da vida escolar o que os fazem entrar na vida de prostituição e/ou drogas; a não aceitação e violência física, psicológica e moral que transgêneros enfrentam no cotidiano é uma das maiores dificuldades. Transexuais são vistos pela sociedade como aberrações. São considerados como o limbo da sociedade. O nome social e a aceitação nos banheiros públicos também são dificuldades importantes que nós transexuais passamos.

Nos relatos acima, se evidencia que hoje o tema da transexualidade é uma questão social relevante, que requer a atenção do Estado e dos agentes públicos. Verifica-se questões como as dificuldades financeiras, para poder realizar tratamento hormonal e até mesmo realizar a cirurgia de transição de sexo, contudo, a falta de recursos implica também em recorrer à prostituição e essa exposição

fragilizada engendra preconceito e diversos tipos de violências. Vê-se que a dificuldade em conseguir atuar no mercado de trabalho, também aparece.

Também questões afetivas, como exclusão e não aceitação, inviabilizando ou dificultando as relações interpessoais, são experiências cotidianas para os transexuais, conforme se evidencia na fala de S3. Para ela, mais que as relações interpessoais, a maior dificuldade são as relações afetivas – amorosas, assinalando até mesmo solidão:

A grande questão é que a mulher trans não é opção para um relacionamento sério porque o entorno ridiculariza pessoas que se relacionam com pessoas trans. Assim, a solidão da mulher trans é ainda um tema muito forte. O trabalho, os estudos e a aceitação social também possuem grande relevância nas dificuldades enfrentadas pelas pessoas trans [...].

No relato de S4, volta a aparecer questões relacionadas à discriminação, ausência de respeito e violência: *“Não respeitam a identidade de gênero. Fazem perguntas indelicadas. No caso de trans mulheres as vezes são até agredidas fisicamente”*.

Assim como outros sujeitos, S9 acentua as dificuldades relacionadas à discriminação:

A maior dificuldade e a mais comum é quando as pessoas ignoram ou discriminam às pessoas que são trans por falta de informação ou conhecimento usando de argumentos que não procede com o assunto de como é ser transexual. Por isso dar visibilidade a causa trans é extremamente importante, pois não é uma escolha e muito menos uma doença. É preciso conhecimento e respeito para acabar com o preconceito que aflige pessoas transgêneros/transexuais.

O relato de S9 revela a importância da visibilidade trans e da informação/ conhecimento, justamente para aumentar a tolerância, o respeito e a não-discriminação.

S10 exterioriza dificuldades em situações cotidianas que superficialmente parecem corriqueiras, contudo, refletem sérias vicissitudes a serem enfrentadas.

[...] o medo de perder amigos e familiares, de andar na rua, de não conseguir emprego ou uma vaga na universidade, de não ter os mesmos direitos, a dificuldade em usar banheiros públicos, de comprar roupas e não saber em que lado deve ir fazer a prova da roupa, ser tratado pelo gênero errado, não ser respeitado, correr o risco de ser privado de entrar em alguns lugares, de mostrar afeto em público, de ser taxado como um jovem que

não sabe o que quer e que isso vai passar, “que é só rezar que Deus vai colocar sua cabeça no lugar”.

Além de trazer à baila questões que não haviam sido comentadas, como o anseio de não conseguir uma vaga na universidade, em que provador provar as roupas, qual banheiro público usar, retoma ainda questões ligadas à ausência de respeito e à discriminação, que foram reiteradamente comentadas.

S3 expressa em seus relatos um entrave crucial ao frequentar a escola, universidade, etc., e acentua a dificuldade ao frequentar o banheiro:

[..] O problema é a relação interpessoal que essa aluna tem com os professores e os alunos de forma geral, desde as amizades, desde a forma como ela é tratada e vista em sala de aula, desde a forma como ela se sente a vontade para participar ou se manifestar e sobre os direitos que ela tem em que contribuem para isso, como: o nome social é tudo para uma transexual na escola, não tem nada mais essencial do que ter o nome social na chamada, ser tratada com o nome e o gênero social dela, no feminino, com direito a ter caderno rosa, mochila rosa, personalidade própria, como qualquer outra menina, e a usar o banheiro feminino é óbvio. Você tem a mínima idéia de o quão difícil é para uma transexual usar o banheiro masculino? O quão aterrorizante isso se torna depois de experiências ruins lá dentro? Depois de ter sido ridicularizada pelos alunos do sexo masculino que usam o banheiro e que desmoralizaram completamente ela e riram por usar vestido e ao mesmo tempo o banheiro dos meninos? A dificuldade é por demais, é demais, no psicológico de uma menina dessas, de ir lá e usar o banheiro masculino na frente de todo mundo como se estivesse escrito na testa delas: Eu sou “anormal”, eu sou “viadinho” mesmo, eu sou “menino” e uso roupas de menininha.

O relato de S3 denota enfaticamente a dificuldade de um transexual ao frequentar a escola e principalmente o banheiro. Em entrevista informal, entre lágrimas, o S3 ratificou que, quando ainda ia à escola, decidiu não ir mais ao banheiro. A escola que frequentava tinha carga horária no período matutino e vespertino, logo, por diversas vezes ficava grande parte do dia sem realizar atividades fisiológicas essenciais ao funcionamento do organismo, o que desencadeou problemas de intestino e infecção urinária crônica.

De acordo com as respostas colhidas nos questionários realizados, constata-se que os transexuais, sentem dificuldade em se “encaixar” nessa sociedade heteronormativa.

Para explicitar a noção de heteronormatividade em nossa sociedade recorreremos aos trabalhos de Michel Foucault sobre o dispositivo da sexualidade. Segundo ele, são mecanismos sociais, políticos, as formas de saber e de poder que

constituem mecanismos discursivos que produzem verdade sobre a sexualidade. A sexualidade é um dispositivo social, pois, ela é uma referência fundamental no processo de produção da verdade e da subjetividade dos indivíduos na atualidade.

Foucault denomina de “dispositivos de sexualidade” todos os discursos e as práticas que proliferaram ao redor do corpo e de seus prazeres. Foi o dispositivo da sexualidade que instaurou o regime da heterossexualidade compulsória em todos os âmbitos da nossa vida (2012). A heterossexualidade compulsória ou heteronormatividade é o conceito a partir do qual Judith Butler (1999) analisou as relações de poder entre homens e mulheres e entre homossexualidade e heterossexualidade, demonstrando a construção do dispositivo da sexualidade como marcado pela norma heterossexual (CÉSAR, 2009).

Segundo Foucault (1984), podemos compreender que, no que se refere à análise do que se exprime sobre o discurso do sexo, o desenvolvimento histórico do século XIX é abalizado também pelo controle. Ao pontuar e identificar esse século como momento precursor da sexualidade, não significa que Foucault queira nos evidenciar somente uma origem ou um nascimento de onde e quando começou as investidas no campo da sexualidade, mas, sobretudo, nos parece que seu objetivo é mais profundo, Foucault investiga o que subjaz a estrutura de como conhecemos e vivemos a sexualidade.

Foucault nos instiga a compreender uma maneira diferente de se ponderar a sexualidade, em seus deslocamentos e contextualização históricos, seja da propagação ou da repressão dos discursos, considerando sua correlação com o poder. Desta forma, ao explorar a sexualidade enquanto objeto histórico Foucault constata e assinala, que se existe o discurso da sexualidade e, por conseguinte disposição das suas práticas é porque estes foram possibilitados e construídos, pelas relações desiguais do poder (1984).

O autor assevera que foi o próprio poder que impeliu essa proliferação de discursos, através de instituições como a igreja, escola, família e consultório médico. Essas mesmas instituições não visavam proibir ou reduzir a prática sexual; visavam o controle do indivíduo e da população. São as práticas destas instituições que definem e legitimam o que se inscreve, o que se relata, o que se diz, e também, o que nos é velado e proibido, quando o assunto é o sexo em seu discurso e enunciado.

A delimitação de espaços para corpos e sexualidades fora da norma são processos que, para Louro (2004), reforçam a norma e o funcionamento do dispositivo da sexualidade. Pois, as normas sexuais são fundamentais na construção das formas de poder em nossa sociedade. Os desviantes são produzidos enquanto categoria pela mesma estratégia que os pune constantemente.

Os desviantes são os que não se enquadram, não se encaixam no paradigma da sociedade disciplinadora e normativa. Nesta esfera, desde uma perspectiva que enfatiza o caráter produtivo da linguagem dos discursos, há a problematização de um padrão de sexualidade que regula o modo como a sociedade ocidental está organizada: a heteronormatividade.

A Heteronormatividade, enfatizando o que já foi mencionado nesta pesquisa, é o termo usado para designar o dispositivo histórico da sexualidade que interpela, produz e molda todos os corpos, todos os prazeres e todas as pessoas a organizarem-se e a viverem de acordo com o modelo de sexualidade e, conseqüentemente, de gênero dominante socialmente, isto é, a heterossexualidade, como o modelo “coerente”, “superior”, “natural” e “normal” de sexualidade.

Assim, diante dos relatos, e ancorados no referencial teórico, é possível compreender, que grande parte dos indivíduos transexuais se sentem discriminados e excluídos da sociedade heteronormativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face aos resultados da pesquisa, ressalta-se que, partindo da análise das respostas assinaladas pelos sujeitos, constatou-se que grande parte desses indivíduos denota dificuldades de se enquadrar no paradigma da sociedade disciplinadora e normativa, sendo considerados desviantes, os que não se encaixam nos padrões heteronormativos, modelo socialmente aceito.

Salienta-se também que alguns dos sujeitos enfatizaram as dificuldades em frequentar a escola, em função do preconceito, das piadas, do constrangimento diário, do desafio ao utilizar o banheiro, entre outros percalços.

Ressalta-se a importância que pesquisas desta natureza, possam engendrar debates em ambientes escolares e sociais, contribuindo para a redução da intolerância e o aumento da aceitação da diversidade.

Consubstanciada nas palavras de Berenice Bento (2010), extrai-se que é preciso pensar no que significam as dores do sujeito, seu sofrimento. Eles têm capacidade de decidir sobre o que querem sobre seus corpos e suas vidas. É preciso mudar o foco de uma concepção autoritária. É necessário criar considerável esforço para cicatrizar essas feridas heteronormativas que latejam na pele de indivíduos transexuais.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Harry. **The Transsexual Phenomenon**. Düsseldorf: Symposium Publishing, 1999.

BENTO, Berenice. **Gênero: uma categoria cultural ou diagnóstica?** In: ARILHA, Margareth et al. *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde*. São Paulo: CCR, 2010.

BUTLER, Judith. **Mecanismos psíquicos del poder**. Teorías sobre la sujeción. Madrid: Ediciones Cátedra-Universitat de València-Instituto de la Mujer, 2001.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*. **Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Gênero, sexualidade e educação**: notas para uma "Epistemologia". Educ. rev. n. 35 Curitiba, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e Homofobia**. In: Rogério Junqueira. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2009.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Roberto. “**Por uma Genealogia do Poder**”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças**: por uma analítica da normalização. In: Congresso de Leitura do Brasil, 16. Campinas, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf> Acesso em: 11 jan. 2016.

PARAÍSO, Marlucy. (Org.) **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.